

RESENHA

“Strategy & Defense Planning: Meeting the Challenge of Uncertainty” (2014), por Colin S. Gray

Maria Eduarda Freire¹ 

DOI: 10.22478/ufpb.2525-5584.2020v5n1.51866

Recebido em: 15/04/2020

Aprovado em: 17/04/2020

Informações editoriais:

Autor: Colin S. Gray

Editora: Oxford University Press

Ano: 2014

ISBN 978-0198778707

Gray, Colin S. (2010). *Strategy and Defence Planning: meeting the challenge of Uncertainty*. Oxford: Oxford University Press.

Entender o que o estrategista deve ter como missão dentro do escopo do planejamento de defesa é a base do *Strategy and Defence Planning: meeting the challenge of uncertainty*, obra que faz parte de uma trilogia e constitui o último dos volumes, sendo o primeiro o *The Strategy Bridge: Theory from Practice* (2010) e o segundo o *Perspectives on Strategy* (2013). O principal dos desafios para o estrategista consiste na incerteza que cerca o futuro. E é em torno dessa questão que todas as partes do livro se desenvolvem, desde a introdução até os sete capítulos, abordando questões-chaves para se pensar o planejamento de defesa, tais quais estratégia, política, história e análise de defesa.

¹ Universidade Federal da Paraíba. E-mail: m.eduardalsfreire@gmail.com.

Tendo um denso arcabouço na área de política de segurança nacional, teoria estratégica e história militar, e lecionando sobre Política Internacional e Estudos Estratégicos na Universidade de Reading, o cientista político Colin Gray (2014, p. 1) traz na introdução da obra que todo planejamento de defesa para ser realizado precisa levar em consideração um contexto, onde o futuro que não pode ser previsto, representado por uma névoa, significa um grande desafio. Assim, busca-se adensar na problemática sobre como seria possível de lidar com a questão da incerteza, seja em condições de paz ou de guerra. E, portanto, a proposta é a de separar o que se sabe acerca do futuro do que não se sabe, fazendo uso do primeiro como elemento importante para a estratégia. Contudo, salienta-se a importância de serem buscadas formas de fazer frente ao desafio que não estejam puramente relacionadas a questão militar per se, uma vez que estratégia, planejamento de defesa e incerteza se relacionam e são interdependentes também da política.

Gray (2014, p. 8) ampara-se em um dos teóricos clássicos sobre a guerra, é através de Carl von Clausewitz que o autor salienta a importância da educação como substância teórica da prática, levando em conta a teoria como sendo o guia que permite o aprendizado, aquilo que pode ajudar o estrategista a não cair em armadilhas. Apesar de Clausewitz se referir em grande parte à guerra, Gray aplica essa lógica ao planejamento de defesa, ao entender que os planejadores podem e devem aprender com as consequências das decisões tomadas antes da guerra em ocasiões passadas. O autor, inclusive, considera sua obra muito mais inclinada para as ideias Clausewitzianas do que Jominianas, outro importante teórico clássico, mas que está muito mais voltado para o treinamento do que para a educação (Gray, 2014, p. 13). O livro, portanto, consiste em algo que busca dar suporte aos tomadores de decisão quanto a escolhas prudentes, sendo três as categorias de ideia principais onde estes devem se apoiar: a estratégia, a história e a política.

No primeiro capítulo o principal desafio é apresentado. Grande parte das decisões tomadas dependem do centro de gravidade dos estudos sobre planejamento de defesa, o futuro. Isto porque as decisões que são tomadas hoje são planejadas pensando no amanhã, tendo por base, em algum grau, os acontecimentos do ontem. Contudo a ignorância acerca do futuro não tem como ser reduzida na sua totalidade. Assim, um dos maiores desafios para o planejador é conseguir adivinhar de maneira prudente o que será mais latente no futuro, pois mesmo que nenhum inimigo particular se mostre dominante, é importante

levar em consideração que até o futuro chegar estes podem ser indetectáveis. Tendo isto em vista, a principal função do planejador é fazer previsões o mais precisas possíveis em função da segurança nacional, principalmente em termos militares. Contudo, não só limitada a isto, mas em termos de grande estratégia, isto, é levando em conta também considerações não-militares. Portanto, afirma-se que a preparação para o futuro consiste em planejamento e estratégia, sendo os componentes desse último os fins, os caminhos e os meios para se alcançar o objetivo político, uma vez considerado que planejamento de defesa é precisamente sobre política.

No segundo capítulo é apresentada a abordagem estratégica. A estratégia, junto da história e da política, constitui a variável independente do planejamento de defesa. É a teoria estratégica que explica o que é feito, porquê é feito, e porquê foi feito corretamente ou erroneamente. Sua estrutura conta com três elementos importantes e interdependentes a serem observados e que demandam que o planejamento de defesa seja um processo dotado de racionalidade: os meios, os caminhos e os fins. Assim, o planejamento precisa ser capaz de sustentar os meios militares, através dos quais são adotados os caminhos que ajudarão a alcançar os objetivos políticos. Gray (2014, p. 54) apresenta a estratégia como a ponte que coloca o domínio da política e o domínio do instrumento militar como sendo interdependentes. O objetivo político é fio condutor de todo processo, pois os caminhos (a parte pura da estratégia) e os meios (militares) não são um fim em si mesmo, precisam existir objetivos políticos que são transformados nos fins estratégicos. A partir disso tanto os políticos quanto os planejadores de defesa precisam saber lidar com os cenários de incertezas. Muito disso é buscado principalmente através da teoria geral estratégica e da teoria do Estado e da guerra, presentes em clássicos como Thucydides (1996) e Clausewitz (1976), que têm por objetivo muito mais educar do que treinar.

Os capítulos três e quatro são dedicados a apresentar uma perspectiva relacionada aos aspectos históricos que cercam o planejamento de defesa. A proposta é a de que através da observação histórica a prudência necessária da antecipação de eventos futuros seja adequada ao contexto. Assim no terceiro capítulo, *The Great Stream of Time*, Gray (2014, p. 79-81) aponta a linhagem, o legado e as consequências históricas como fundamentais para dirimir a ignorância atrelada ao futuro. Sobre o passado é fundamental estar atento para os perigos relacionados as analogias e aos anacronismos, uma vez que analogias e anacronismos feitos de maneira reducionista e pobre podem causar, na verdade, problemas. Algumas outras questões são apresentadas, estas concernentes a

surpresa, ao choque e os acontecimentos perigosos no futuro, todos elas relacionadas ao choque estratégico que se refletem em pesadelos para os planejadores estrategistas, pois estes seriam capazes de “mudar o jogo”. O quarto capítulo, Patterns for Anticipation, por sua vez trata sobre a necessidade de ter em mente o que é imprevisível, como forma de evitar que missões sejam desperdiçadas. Existem algumas suposições, identificadas a partir da observação histórica, que permitem a elaboração de diretrizes para o planejamento futuro de defesa, entre elas estão os argumentos de que todo comportamento político é criado e atua dentro de um contexto político e está relacionado ao poder, e, além disso, tem-se também a consideração de que a história humana é história política, e a história política, por sua vez, pode se relacionar com a história estratégica. Portanto, elementos da história estratégica podem ajudar a entender o pensamento e o comportamento estratégicos humano. Contudo, os achados históricos transformados em padrões de antecipação precisam ser possíveis de serem aplicados ao hoje de maneira a poder identificar as questões vitais acerca do futuro. Não é o caso de fazer futurologia, mas sim ser capaz de identificar fatores históricos que existiram ao longo dos milênios e que podem ser úteis para o planejamento de defesa.

O quinto capítulo busca adensar na relação existente entre o planejamento de defesa e o processo político. Sabe-se que a defesa nacional é constituída de uma gama de atores tanto humanos quanto institucionais que buscam ter influência. O planejamento de defesa, por sua vez, demanda uma unidade que acaba não sendo refletida quando pensada nesses atores individualmente. Por exemplo, normalmente enxerga-se a defesa como sendo exclusivamente a primazia dos objetivos políticos, ocasionando o problema relacionado às políticas serem desenvolvidas meramente a partir de um processo político, sem grandes preocupações com o pensamento estratégico. Contudo, salienta-se a importância de toda uma estrutura estratégica que liga os fins políticos com os meios militares e que depende dos caminhos estratégicos como sendo fundamental. Portanto é possível de se perceber que a natureza do planejamento de defesa é inerentemente política, mas que depende de condições estratégicas e militares, sendo assim, um processo tanto civil quanto militar.

O capítulo de número seis apresenta de maneira geral o que seriam diretrizes para o planejamento de defesa. O primeiro aspecto leva em consideração os níveis de análise, apesar de tudo a adivinhação e a intuição continuam sendo os prevalentes. Um outro aspecto é a motivação, aquilo que conduz o comportamento político e estratégico, de

maneira geral os motivos para o conflito e a guerra, aquilo que dita o planejamento de defesa, não se alteraram tanto ao longo do tempo. As prioridades é o terceiro aspecto mencionado, é necessário que os planejadores de defesa saibam definir com precisão e prudência o que é mais importante para a segurança nacional. O quarto aspecto se refere à necessidade da tolerância frente ao erro e a capacidade de adaptação à tais circunstâncias, principalmente em um contexto de adivinhação. O quinto aspecto considerado é a ciência e a certeza, através da ciência se buscariam respostas para importantes questões e desafios dentro do contexto do planejamento de defesa. O sétimo dos aspectos é sobre a política e a economia e envolve a consideração de que o planejamento de defesa é sobretudo um processo político, mas que, no entanto, sofre de limitações econômicas, muitas vezes disputando com outros setores da sociedade. A estratégia e a história é o último desses aspectos, e salienta a história como sendo a principal fonte de informação e experiência disponíveis para os planejadores de defesa, representando uma forma de se familiarizar com questões ainda que em alguns casos de maneira mais genérica.

No último capítulo, Gray (2014, 191) apresenta considerações acerca da prudência e da paranoia dentro do contexto do planejamento de defesa. A prudência se relaciona basicamente a cautela em relação às consequências das ações ou falta delas por parte de um planejador. Os conceitos que se relacionam ao perigo são sumariamente importantes dado o debate acerca do planejamento de defesa, Gray (2014, p. 196-197) elenca os seguintes: risco, ameaça, perigo e choque, todos esses conceitos fazem parte em algum grau do futuro incerto. Assim como todo processo de preparação, a prudência também se faz necessário para identificação precisa e correta sobre tais perigos e o que estes representam, caso contrário, há o risco de criação de inimigos em antecipação precipitada em demasia, muitas vezes decorrente de paranoias, por exemplo.

De forma sintética e a concluir, o livro organiza-se de modo a abordar as características e limitações inerentes ao planejamento de defesa, tendo como pano de fundo o desafio principal da incerteza acerca do futuro. Seu desenvolvimento busca apontar os caminhos através do quais este possa ser enfrentado de maneira bem sucedida e o capítulo final trás esses achados estruturados em tópicos já na sua parte final, elucidando, por exemplo, a importância da arquitetura da teoria geral da estratégia, a busca por tentar diminuir ao máximo os erros possíveis, a necessidade da prudência, a história estratégica como fonte principal de educação para os planejadores, a concepção

de que nenhuma metodologia é capaz de prever o futuro, mas que podem ajudar a se ter uma ideia do que poderá vir a acontecer, entre outros. O que todos esses pontos identificados possuem em comum é o fato de indicarem que a política possui privilégios dentro do contexto de planejamento de defesa.

O Colin Gray faz uso de uma vasta bibliografia especializada tanto na área de Ciência Política quanto de Relações Internacionais e do campo de Estudos Estratégicos, o que faz com que a obra transite por esses campos de estudos e se caracterize por uma robustez inerente a estes. Podem ser elucidados autores citados como Raymond Aron, Barry Buzan, Carl von Clausewitz, Paul Davis, Andrew Krepinevich, entre outros. Contudo, Gray peca pela repetição exacerbada ao longo do desenvolvimento do texto, trazendo à tona a todo instante pontos que já foram apresentados desde a introdução, como, por exemplo, o argumento de que o futuro é incerto e de que o planejador de defesa precisa se dotar de habilidades frente a essa condição. Mais do que ser repetitivo, cabia melhor dedicar uma parte final a considerações que sumarizassem tudo o que foi apresentado, de maneira lógica e interconectada para fechar de forma coesa e clara o livro. Apesar disso, não se pormenoriza a relevância da obra, principalmente para o campo dos Estudos Estratégicos, mostrando ser uma importante fonte de aprendizado acerca da estratégia no que diz respeito ao planejamento de defesa.

Referências

- CLAUSEWITZ, Carl von. (1976), *On War*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- GRAY, Colin S. (2010), *The Strategy Bridge: Theory from Practice*. Oxford, Oxford University Press.
- GRAY, Colin S. (2013), *Perspectives on Strategy*. Oxford, Oxford University Press.
- GRAY, Colin S. (2014), *Strategy and Defence Planning: meeting the challenge of Uncertainty*. Oxford, Oxford University Press.
- NATIONAL INSTITUTE FOR PUBLIC POLICY (2019). Professional Staff: Dr. Colin S. Gray. Disponível em: <<https://www.nipp.org/professional-staff/dr-colin-s-gray/>>. Acesso em 15 de abril de 2019.
- THUCYDIDES (1996), *The Landmark Tuchydidies: A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*. Ed. Robert B. Strassler. New York: Free Press.